

## Políticas estético-afetivas na(s) rede(s): ativismo negro na Internet

### Online Black feminist activism in Brazil: politicizing aesthetics and intimacy

Bruna Jaquetto Pereira<sup>1</sup>  
Cristiano Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** Apresentamos neste artigo o contexto atual e os contornos do ativismo feminista negro online no Brasil, com foco nas questões de estética e relações afetivas. Nossa intenção geral é entender como o ativismo online está forjando novas narrativas e transformando a subjetividade e a intimidade em preocupações políticas, transformando assim a agenda do movimento feminista negro e as estratégias de mobilização. Enquanto as disputas simbólicas foram centrais para o movimento negro ao longo da história brasileira, o questionamento dos padrões de beleza racializados e racistas e a celebração da estética negra foram amplificados pela intensa cultura visual englobada pelas TICs. O ciberespaço também tem sido o palco principal onde as discussões sobre a “solidão das mulheres negras” estão acontecendo. Desde meados de 2010, as feministas negras empregam essa expressão para enfatizar como a valorização da branquitude, juntamente com a representação hegemônica das mulheres negras como hipersexuais, resultam em mulheres negras sendo desprezadas e desvalorizadas como parceiras românticas. Neste estudo, nos baseamos em duas estratégias metodológicas e analíticas. Primeiramente, investigamos os repertórios discursivos sobre a estética negra e a intimidade empregadas em postagens no blog feminista negra *Blogueiras Negras* (blogueiras negras) de 2012 a 2020. Em segundo lugar, apresentamos uma etnografia das interações em um grupo de namoro para negras brasileiras no Facebook (*Afrodengo*) realizadas entre março e agosto de 2018. Por meio da análise e comparação desses dois contextos específicos, podemos observar como as estratégias de mobilização e repertórios discursivos operados pelas feministas negras têm sido moldados pela crescente importância das TICs. Também lançamos luz sobre a incorporação de novos atores, espaços de disputa política e temas de discussão. Além disso, mostramos como repertórios discursivos feministas negros e estratégias de mobilização são apropriados, empregados e reivindicados nas interações online cotidianas. Concluímos que o ativismo online feminista negro está promovendo a politização dos padrões estéticos, subjetivos e de afetividade no Brasil, ampliando assim o alcance do famoso lema feminista “o pessoal é político”. Também demonstramos como essas estratégias de mobilização e repertórios discursivos representam continuidades e rupturas com a face mais institucionalizada do ativismo feminista negro que prevaleceu entre as décadas de 1990 e 2000.

**Palavras-Chave:** políticas estético-afetivas, ativismo negro online, feminismo negro nas redes

<sup>1</sup> Doutora em Sociologia pela UnB. Professora Substituta do Departamento de Sociologia da UnB.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pelo IESP-UERJ. Professor Adjunto do Departamento de Ciência Política da UFMG.

**Abstract:** *In this chapter, we present the ongoing context and contours of online Black feminist activism in Brazil, with a focus on the issues of aesthetics and intimate relationships. Our overall intent is to understand how online activism is forging new narratives and turning subjectivity and intimacy into political concerns, thus transforming the Black feminist movement's agenda and mobilization strategies. Organizational plurality and diversified repertoires of political mobilization are defining features of contemporary Black movements in Brazil. Starting in the 2010s, the ICTs (Informational and Communication Technologies) have become a strategic arena for anti-racist and feminist mobilization. Young Black feminist activists increasingly use online spaces to discuss and celebrate Black aesthetics, subvert racist and sexist regimes of representation, and promote individual empowerment. While symbolic disputes have been central to the Black movement throughout Brazilian history, the questioning of racialized and racist beauty standards and the celebration of Black aesthetics have been amplified by the intense visual culture encompassed by the ICTs. Cyberspace has also been the main stage where discussions on "Black women's loneliness" are playing out. Since mid-2010, Black feminists employ this expression to stress how the appreciation of whiteness, along with the hegemonic representation of Black women as hypersexual, result in Black women being scorned and devalued as romantic partners. Furthermore, those activists also point out that Black women are seen as more suitable for casual sex or undercover romantic partnerships. In this study, we draw on two methodological and analytical strategies. First, we investigate the discursive repertoires on Black aesthetics and intimacy employed in posts on the Black feminist blog *Blogueiras Negras* (Black women bloggers) from 2012 to 2020. Second, we present an ethnography of interactions in a Facebook dating group for Black Brazilians (*Afrodengo*) carried out between March and August 2018. Through the analysis and comparison of these two specific contexts, we can observe how the mobilization strategies and discursive repertoires operated by Black feminists have been shaped by the growing importance of the ICTs. We also shed light on the incorporation of new actors, spaces of political dispute, and topics of discussion. Additionally, we show how Black Feminist discursive repertoires and mobilization strategies are appropriated, employed, claimed, and reclaimed in everyday online interactions. We conclude that Black feminist online activism is furthering the politicization of aesthetics standards, subjectivity, and intimacy in Brazil, thus stretching the reach of the notorious feminist motto "the personal is political." We also demonstrate how these mobilization strategies and discursive repertoires represent both continuities and ruptures with a more institutionalized facet of the Black feminist activism that prevailed between the 1990s and the 2000s.*

**Keywords:** *politicizing aesthetics and intimacy. Online Black feminist activism. Black activism online*

---

## Introdução

O ativismo negro brasileiro contemporâneo se caracteriza por sua pluralização organizacional e diversidade de repertórios de mobilização política. Esse processo de pluralização e diversificação (de formatos, temáticas e estratégias de ação) teve início a partir dos anos 1990, quando o projeto de construção de uma organização negra de caráter nacional e unificada foi perdendo espaço. Foi então que os demais formatos de ativismo negro já existentes em diferentes partes do país ganharam proeminência e trouxeram a lume intersecções inovadoras entre raça, classe, gênero e sexualidade, entre outras temáticas (RODRIGUES, 2020). Outra face desse processo foi o aumento expressivo do protagonismo de mulheres negras, quer na construção de organizações autônomas ou em entidades mistas, quer na ampliação da discussão das desigualdades raciais que elas trouxeram ao apontar para clivagens geracionais, de gênero, orientação sexual, classe, entre outras, no interior da população negra (RODRIGUES, 2020).

Entre os anos 1990 e a década de 2010, o ativismo negro privilegiou três frentes de intervenção e mobilização política. Nos anos 1990, o foco esteve nas estratégias de *advocacy* institucional e no fortalecimento de redes transnacionais antirracismo. Nos anos 2000, privilegiou-se os repertórios de interação com o Estado, em particular por via da participação institucionalizada em espaços chancelados pelo Estado e pela ocupação de cargos na burocracia, práticas consonantes com o modelo teórico desenvolvido por Rebecca Abers, Lizandra Serafim e Luciana Tatagiba (2014) sobre os movimentos sociais atuantes no período. A partir de 2010, o ativismo negro nas redes sociais passa a ganhar força. Esse formato de ativismo é caracterizado

pelo surgimento de coletivos pouco afeitos ao diálogo com o Estado e contando com repertórios forjados na Internet. O vocabulário e a prática desses grupos, com uma forte presença de jovens ativistas, são voltados, amiúde, para as dimensões estéticas e de representação/empoderamento individuais, marcando importantes elementos de continuidade e rompimento com o padrão de ativismo negro institucional que se tornou hegemônico entre as décadas de 1990 e 2000 (RODRIGUES, 2020).

No presente artigo, analisamos um dos aspectos do ativismo negro na Internet: a incorporação crescente do debate sobre afetos e estética como questões políticas.

Tendo em vista a crescente incorporação da tecnologia no dia a dia das pessoas, as estratégias empregadas para investigações científicas no ambiente da Internet e nas mídias virtuais, ainda que demandem alguma criatividade por parte do/a pesquisador/a, não diferem essencialmente daquelas adequadas à observação face a face (HINE, 2015; HINE; CAMPANELLA, 2015). Contudo, uma particularidade desse tipo de estudo é a possibilidade de capturar discursos e comportamentos que se desenvolvem e se rearticulam em um meio mais disperso e geral, porque centrado em conexões ao invés de em localidades (HINE, 2000). Aqui, utilizaremos a análise de repertórios discursivos de posts do Blogueiras Negras e a observação de debates em torno de gênero e raça travados no grupo Afrodengo. Como se verá, a técnica de observação em ambiente virtual mostra-se especialmente valiosa para a captura de debates e disputas coletivas quanto à legitimidade de argumentos que, relativos a gênero e raça, são mobilizados em dinâmicas de abordagem e flerte entre pessoas negras.

### **Estética e afetividade no ativismo negro**

Uma miríade de contranarrativas ao discurso racial hegemônico tem sido produzida por grupos negros organizados no decorrer da história brasileira (BERNARDINO-COSTA, 2018; MOURA, 1988), reivindicando à população negra igualdade e justiça social, em termos materiais e simbólicos, tendo em vista o combate ao racismo (CALDWELL, 2007; PASCHEL, 2016; PEREIRA, A., 2019; RODRIGUES, 2020). No âmbito das demandas materiais, o ativismo negro reivindica medidas que contribuam para a inserção equitativa da população negra na sociedade brasileira, superando a condição de marginalização. Num dos capítulos mais recente dessa história, os movimentos negros lograram alcançar mudanças substantivas no âmbito das políticas públicas a partir do final da década de 1990 – sobretudo, com a implementação das ações afirmativas para o acesso ao ensino superior.

Além disso, frente à generalizada representação negativa da população negra, o ativismo negro tem buscado ampliar a disseminação de formulações simbólicas positivas sobre a negritude, favorecendo a identificação de um contingente maior de brasileiros/as como negros/as, a valorização estética de traços associados à negritude e do par negro. A atuação dos movimentos sociais prioriza promover condições de vida mais favoráveis à população negra melhorando sua inserção no mercado de trabalho e seu acesso à educação, mas estende-se também ao âmbito estético e da identidade, tendo em vista a promoção da autoestima das pessoas negras e a dimensão afetivo-sexual.

No imaginário ocidental moderno, um dos argumentos que alicerça a construção de raça como categoria hierárquica e de diferença fundamental entre seres humanos diz respeito a valorações estéticas. Formuladas inicialmente pelos filósofos e teóricos do racismo científico no século XIX, as escalas de beleza foram concebidas a partir de representações de diferenças físicas e estabeleciam comparações entre corpos africanos, cujos rostos eram retratados à semelhança de macacos, e europeus, cujas feições eram

ilustradas por esculturas gregas (YOUNG, 2005). Tais cientistas buscaram comprovar da “natureza inferior” e “anacrônica” tanto do corpo feminino quanto da anatomia dos povos “primitivos”. Aparência e fisionomia foram tratadas como evidências de qualidades temperamentais – tais como racionalidade, de um lado, e apetite sexual acentuado e “primitivo”, de outro (MCCLINTOCK, 2010).

As influências duradouras do racismo científico em terras brasileiras desdobraram-se nas representações do corpo negro como hipersexualizado, nos traços associados à negritude como sinônimos de feiura e no arcabouço dos esforços eugênicos deflagrados no início do século XX. Rearticulando princípios das teorias do racismo científico em projetos nacionais de “melhoria” da população, intelectuais e políticos brasileiros encontraram na mestiçagem um dos caminhos para modernizar a nação, guiados por miragens de um povo brasileiro de fenótipo claro e racialmente homogêneo a ser alcançado no decorrer das gerações (BENTO, 2009; JARRÍN, 2017; SCHWARCZ, 1993). “Modernizar” era também um projeto de “embeleazar” a sociedade, livrando o país de seus elementos mais “feios” – isto é, de tez mais escura ([JARRÍN, 2017](#)).

No Brasil contemporâneo, os critérios de julgamento e os juízos estéticos são definidos tendo em vista raça e classe, amiúde codificados em expressões aparentemente neutras. Assim, um lugar frequentado por “gente bonita” faz menção a um espaço social de circulação de pessoas das camadas médias e altas e de tez clara, ao passo que a feiura é atribuída genericamente a pessoas “pretas e pobres”. “Boa aparência”, termo usualmente empregado para descrever requisitos para vagas de trabalho, designa, de forma implícita, a preferência por candidatos/as brancos/as ou de tez clara e de aparência e comportamento identificados com códigos das classes médias (CALDWELL, 2007; GONZALEZ, 1984; GORDON, 2013; JARRÍN, 2017).



De forma geral, predomina o ideal de beleza branco, amplamente difundido por veículos midiáticos, pelo mercado da moda e pela indústria cosmética. Os mais celebrados ícones de beleza são pessoas loiras, ruivas ou brancas de cabelos castanhos, tal como a modelo Gisele Bündchen, as atrizes Paola Oliveria, Marina Ruy Barbosa e Bruna Marquezine. Na televisão, que dispõe de influência substancial sobre a vida cotidiana dos/as brasileiros/as, os/as negros/as estão sub-representados/as e, quando presentes, são retratados/as de maneira depreciativa: em condições de subserviência, pobreza e encarnando o arquétipo da feiura (HORDGE-FREEMAN, 2015; PINHO, P., 2009).

Entre os segmentos negros, a ideologia do branqueamento ou do embranquecimento (ANDREWS, 2014; GONZALEZ, 1988) promove a valorização simbólica da branquitude e o desprezo pela negritude e traços fenotípicos que a identificam. Seus impactos na autoestima de pessoas negras desdobram-se na decorrente busca por se aproximar das camadas brancas, afastando-se dos/as demais negros/as (BICUDO, [1945] 2010; MOURA, 1988). No âmbito estético-afetivo, a supremacia branca configura-se pela superioridade (em termos de beleza e status) atribuída ao par branco para relacionamentos “oficiais”, amplamente disseminada entre brancos/as e negros/as, e que faz com que a branquitude funcione como uma força centrípeta (PEREIRA, B., 2020).

Ao longo de sua história, o movimento negro vem promovendo ações voltadas para romper com essa valorização simbólica da branquitude e contestar a ideia de inferioridade estética da população negra. Nos anos 1970, período em que houve a reorganização do movimento negro no Brasil, os grupos de afoxé, comunidades religiosas afro-brasileiras, blocos carnavalescos e clubes negros, como o Renascença Cube no Rio de Janeiro, passaram a politizar a estética e o afeto através de eventos-manifestações. A noite da

beleza negra, concurso que acontece anualmente desde 1975 na sede do Ilê Aiyê em Salvador, os Bailes Soul e o Movimento Black Rio, que reunia ativistas do movimento negro e jovens dos subúrbios cariocas na década de 1970, são alguns dos exemplos de espaços constituídos para fortalecer a identidade, autoestima e orgulho negros (GIACOMINI, 2006; PEIXOTO, SEBADELHE, 2016).

As reivindicações no âmbito da estética foram acompanhadas por variadas representações do casal negro. A despeito das discrepâncias ao longo do tempo, o casal negro heterossexual, quando retratado, é invariavelmente visto como uma forma de resistência ao racismo. Um exemplo emblemático é o número do jornal do Movimento Negro Unificado de 1991 que trouxe em sua capa a foto de um casal negro se beijando, acompanhado da frase “Reaja à violência policial: beije sua preta em praça pública”, do poeta Cuti. Mais recentemente, têm ganhado força no movimento negro – sobretudo pela atuação das ativistas e intelectuais negras – a demanda para se politizar o amor como contraponto à preferência pelo par branco (FLAUZINA, 2015), e de se construir representações positivas sobre o vínculo entre pessoas negras, combatendo assim a desvalorização estética dos negros/as e as imagens que os/as retratam como hipersexualizados/as.

Por volta da metade da década de 2010, os debates sobre os efeitos do racismo para a afetividade negra em geral e, particularmente, sobre a maneira como ele resulta na “solidão da mulher negra” começaram a ganhar força entre ativistas (MOUTINHO; ALVES; MATEUZI, 2016). A expressão tem sido muito utilizada nos círculos intelectuais e de militância negra, empregada sobretudo por mulheres negras. Ela se refere de maneira genérica ao abandono, desprezo, rebaixamento, humilhação e sofrimento experimentados por mulheres negras no âmbito afetivo. Apesar de também debatida em espaços ativistas offline, é na Internet que as discussões sobre o tema têm encontrado



maior amplitude. Nesse aspecto, o ativismo negro ressoa mudanças recentes que vêm reconfigurando o fazer do ativismo e dos movimentos sociais em geral.

### **Novíssimos movimentos sociais e a Internet**

A emergência e consolidação do ativismo negro nas redes sociais caminha *pari passu* com a crescente importância da Internet e das mídias digitais para a sociabilidade e para o fazer político. Blogs, aplicativos, podcasts, redes sociais, plataformas digitais e digital influencers estão cada vez mais integrados à vida cotidiana (HINE; CAMPANELLA, 2015), e sua incorporação desencadeia profundas e amplas transformações. Amizades, flertes e relacionamentos (BRAGA; CARAUTA, 2020; PELUCIO, 2015; TIRIBA, 2019; PEREIRA, B., 2020), assim como eleições, políticas públicas e manifestações políticas (LOTTA, 2018; MALINI; ANTOUN, 2013; ORTIZ, HAMRIN *et al.*, 2017) passam necessariamente pelo ciberespaço, cujas fronteiras em relação a outras esferas da vida social gradualmente esfacelam-se.

As mudanças nas formas de interação social e de comunicação impactam também os movimentos sociais. Hoje, a ação coletiva faz uso de instrumentos variados, ocupa novos espaços e inclui uma infinidade de atores, bem como observa importantes mudanças relativas às temáticas abordadas e priorizadas. A atuação política via Internet muitas vezes substitui ou complementa as formas tradicionais de ação coletiva, prescinde ou mesmo rechaça lideranças, e atua a partir de laços digitais efêmeros entre ativistas que se encontram fisicamente distantes (BENNETT; SEGERBERG, 2013; CARTY, 2015).

O campo de estudos sobre movimentos sociais, que se consolidou no Brasil a partir dos anos 1970, tem voltado seu olhar para as tecnologias de informação e comunicação a partir de duas perspectivas principais: uma mais centrada na análise dos impactos da Internet sobre estratégias de mobilização

e articulação política de organizações de movimentos sociais e outra focada nas dimensões comunicacionais do ativismo online, se debruçando sobre suas dinâmicas de articulação, repertórios discursivos e principais estratégias empregadas (SARMENTO, VIANA, 2019).

No presente artigo, nos alinhamos à segunda perspectiva, representada por autores como Wilson Gomes (2016). Mais frequentemente encontrada nos estudos sobre Internet e Política, sua principal constatação é a emergência de uma acentuada personalização e fragmentação das reivindicações políticas em relação aos formatos mais tradicionais de ação coletiva. A partir da perspectiva em questão, tomamos a Internet como um palco essencial para compreensão do ativismo negro contemporâneo e, como tal, *locus* privilegiado de observação dos enfoques, estratégias e temáticas que emergem como parte de sua ação coletiva.

### **Estética e afetividade no Blogueiras Negras**

O Blogueiras Negras (BN) é um blog, atualmente coordenado por Charô Nunes e Larissa Santiago, criado em 2012 a partir da *Blogagem Coletiva Mulher Negra*, um manifesto em forma de postagem coletiva com o objetivo de chamar a atenção para a invisibilidade observada por jovens feministas negras em outras plataformas de debate feminista via internet, conforme elas próprias descrevem na seção “quem somos” do blog:

[...] temos em nossa origem a Blogagem Coletiva Mulher Negra cujo objetivo foi a aproximação de discussões acerca do Dia da Consciência Negra e do Dia Internacional de Não Violência contra a Mulher. O sucesso do projeto revelou não somente a existência de um grupo de blogueiras negras e

afrodescendentes escrevendo muito bem e muito, mas também a necessidade de criarmos espaços de visibilidade para produção tão significativa<sup>3</sup>.

Uma equipe de editoras, juntamente com as coordenadoras, seleciona os textos a serem publicados no blog e se dedicam à manutenção da plataforma. Entre 2013 e 2019 aproximadamente 379 mulheres negras participaram do BN como autoras eventuais e fixas, e mais de 1000 posts foram publicados no período. O BN conta ainda com páginas em outras redes sociais, especialmente no Facebook e Twitter. Em 17 de junho de 2020, o coletivo contava com 222.010 seguidores no Facebook e 39.100 no Twitter.

O BN se apresenta como uma plataforma que prioriza o feminismo negro e interseccional, conforme podemos observar no texto de apresentação do blog:

Somos uma comunidade muito produtiva de blogueiras dispostas a tornar a escrita uma ferramenta contra opressões incidentes sobre a mulher negra como racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia, homofobia, classismo e gordofobia. Nós também somos uma comunidade, área de recepção, de energia, de reabilitação e visibilidade, além de espaço para perguntas, palavras e pedidos de mulheres negras. Acreditamos que a troca de experiências e de questões através do ativismo compartilhado não é apenas desejável, mas imprescindível. Nós celebramos quem fomos, quem somos e quem queremos ser. O Blogueiras Negras é construído por uma comunidade de mulheres negras comprometidas com gênero e raça.<sup>4</sup>

Nossa pesquisa sobre repertórios discursivos e principais temáticas postadas no BN entre 2016 e 2019 analisou 835 posts por meio de etnografia

<sup>3</sup> Disponível em <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

<sup>4</sup> Disponível em <http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>. Acesso em: 17 de junho de 2020.

remota que, segundo Postill (2016) se caracteriza pela investigação de fenômenos políticos na era digital sem estar fisicamente presente em campo. Todas as postagens foram listadas, catalogadas e analisadas semanalmente a partir dos seguintes eixos: (a) os/as outros/as significantes dessas postagens, ou seja, com quem elas interagem mais comumente na rede, tanto expressando solidariedade e apoio quanto se opondo; (b) a narrativa central dos posts, os temas mais recorrentes, que recebem o maior número de compartilhamentos e que permitem analisar a formação das identidades coletivas e dos jogos discursivos de enfiamento político; e (c) a análise estatística: a partir de ferramentas disponíveis online procedemos mensalmente a interpretação das postagens com maior impacto, maior número de compartilhamentos e comentários favoráveis e/ou desfavoráveis.

Observamos que os repertórios discursivos do BN priorizam temáticas voltadas frequentemente para dimensões estéticas, afetivas e de representação/empoderamento individuais. Até junho de 2019, o BN apresentava suas publicações em ordem cronológica e subdivididas em 7 seções: Identidade, Resistência, Saúde e Beleza, Estilo de Vida, Cultura, Colunas e Popular. Após esse período, houve uma reformulação da plataforma e as publicações passaram a ser encontradas por um sistema de palavras-chave. Em junho de 2020, os termos de busca disponibilizados no blog são as seguintes: aborto, afeto, arte, as coordenadas, beleza, cinema, consumo, corpo, cotidiano, cultura, denúncia, direitos, editorial, educação, esporte, estilo de vida, eventos, feminismo, grite por elas, história, identidade, infância e juventude, levantes, literatura, mídia, música, negras notáveis, negritude, pessoas, poesia, política, preconceito, racismo, relações interpessoais, religião, resistência, saúde, saúde e beleza, sexualidade, tecnologia, televisão, trabalho, urbanidade e violência.

A tabela 1 apresenta o número de postagens sobre afeto e afetividade no BN entre 2016 e 2020. Ao todo, foram publicados 21 textos cobrindo diferentes aspectos da temática. A análise dos posts revela que os/as “outros/as significantes” das postagens são: os relacionamentos afetivo-sexuais, as próprias mulheres negras, os homens (brancos e negros) e as mulheres brancas. Nos posts analisados, as mulheres negras expressam solidariedade umas às outras em razão de considerarem a “dororidade” um traço comum às suas experiências afetivas. A possibilidade de sair da solidão por meio de relacionamentos afetivos é vista com ceticismo na maioria dos textos. A relação com homens também é vista com reservas, mesmo com homens negros, cuja preferência por mulheres brancas em detrimento às mulheres negras é percebida como uma internalização do racismo contra si próprio em alguns textos. Nos posts analisados, há poucas referências às mulheres brancas e apenas uma menção a formatos de relacionamento não-heteronormativo. Essa ausência de posts discutindo outros padrões de relacionamento pode decorrer da subdivisão temática do blog, em que textos sobre afetividade lgbtqia+ estão concentrados nas subtemáticas “sexualidade” e “saúde” da plataforma.

A narrativa central dos posts pode ser exemplificada pela passagem abaixo:

Sabemos cientificamente que elas não conseguem companheiros ou companheiras para dividir os bons e maus momentos de suas caminhadas. Elas estão sós nas suas dores e nas suas glórias. Enfrentam salas de parto, hospitais, prisões e cemitérios sozinhas. Estão sozinhas porque estudaram demais. Estão sozinhas porque foram sexualizadas demais. Estão sozinhas porque são fortes demais. Estão sozinhas porque são bonitas e feias demais<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/das-diferentes-solidoes-da-mulher-negra/>

Tabela 1 – Postagens sobre afeto/afetividade por ano (2016 – 2020)

Ano	Postagem	Autora(s)
2016	Mulheres Negras: É hora de Sonhar	Viviana Santiago
2016	<a href="#">A solidão que me cabe</a>	Katy Illy
2016	<a href="#">Das diferentes solidões da mulher negra: do estar sozinha ao ser exótica.</a>	Layla Pedreira Carvalho
2016	Solidão da mulher negra: do singular para o plural	Mônica Santana
2016	<a href="#">I Encontrão Recife – A emoção de nos encontrar na outra</a>	Blogueiras Negras
2017	<a href="#">O cuidado como uma atitude política</a>	Mariléa Almeida
2017	<a href="#">Como um relacionamento não vai te salvar</a>	Gra Ci
2017	A morte em mim	Simone Ferreira
2017	<a href="#">A Obrigação Social do Homem Brasileiro de Ostentar um Esposa Branca</a>	Aline Paes
2017	Retalhos de memórias via certidões de óbitos	Mary do Espírito Santo
2018	Você quer construir o amor comigo ?	Patrícia Gonçalves
2018	<a href="#">Preterimento afetivo e o paradoxo da mulher branca: ‘parecer legal’ ou se gabar do privilégio da preferência masculina</a>	Sueria Dantas



2018	A solidão de ser uma mulher negra	Heide Barbosa
2018	Escrevivendo afetos	Lorena Varao
2019	O feminismo que liberta	Caroline Anice
2019	Céu negro, constelação bi	Mohara Valle
2019	Sobre (os) nós: mulheres negras e afetos	Dara
2020	Ser invisível: solidão da mulher negra ao meu olhar	Mariana César
2020	Liberdade amor, amor livre!	Inaiana Gama
2020	Solidão	Inaiana Gama
2020	Solitude	Inaiana Gama

Fonte: Elaboração dos autores

A tabela 2 apresenta o número de postagens sobre beleza e estética no BN entre 2016 e 2020. Foram publicados 10 textos abordando temas relativos à estética no período analisado. Embora o número pareça reduzido, o debate sobre estética é central no BN, mas a maioria dos posts sobre a temática foram publicados até 2015, período não coberto pela nossa análise, ou estão categorizados no blog como “saúde”, “feminismo”, e “saúde e beleza”.

Os/As “outros/as significantes” expressos/as nas postagens sobre estética são: transição capilar, autoestima, padrões de beleza e resistência. A

frequência com que tais termos são mobilizados nos posts e comentários no BN coadunam com a asserção feita por Nilma Lino Gomes (2017) acerca da apropriação que mulheres negras fazem das tecnologias de informação e comunicação para produzir, consolidar e disseminar saberes identitários, políticos e estéticos-corpóreos. Segundo a autora,

[...] nas redes sociais [...] pessoas negras escrevem sobre a experiência de ser negro, denunciam racismo, transmitem informações, dão dicas de beleza e cuidados com a pele e o cabelo crespo. Discussões como apropriação cultural, colorismo, racismo, ações afirmativas são realizadas na vida on-line e off-line de maneira crítica, política e posicionada pelos sujeitos negros. (GOMES, N., 2017, p. 70).

A circulação desses saberes identitários, políticos e estéticos-corpóreos nas redes sociais é uma tentativa de formar uma comunidade contra-hegemônica e capaz de romper com formas de sujeição que estereotipam e objetificam pessoas negras. Essa busca por ressignificar a estética negra e construir um sentido fora da estereotipia, da reprodução de padrões de beleza da branquitude e se mover em direção à um projeto emancipação coletiva, pode ser observado na narrativa central expressa nos posts publicados no BN e exemplificados pelo excerto abaixo:

Podemos afirmar que a estética negra é, sem sombra de dúvidas, um instrumento de autoaceitação, de resistência, de empoderamento, uma forma de mostrar que não aceitamos o padrão socialmente imposto, mas que o negro é belo, é lindo, é diverso, é versátil. Somos seres políticos e a nossa opção estética diz muito sobre nós, nossas crenças, nossos valores, afirma nossa

existência e nossa resistência contra as tentativas de nos enquadrar em modismos que banalizam nossa cultura, nossa estética<sup>6</sup>.

Tabela 2 – Postagens sobre beleza e estética por ano (2016 – 2020)

Ano	Postagem	Autora(s)
2016	Estética negra, opressão e resistência	Patrícia Anunciada
2016	O Black é Power	Juliana Bartholomeu
2016	A autoestima transforma	Karoline Maia
2016	A mulher negra em concursos de beleza	Dandara Barbosa
2016	O lugar da beleza	Allyne Andrade
2016	Com o cabelo lindo e a autoestima elevada	Alexandra Rocha Silva
2016	Sobre um dia comprido de cabelo encurtado	Lara Passos
2016	O mito da vida saudável e o impacto na vida das mulheres negras	Carolina Pinho
2017	A pele negra exposta ao sol	Blogueiras Negras
2018	Cuide-se, para a militância não te adoecer	Caroline Ferreira

Fonte: Elaboração dos autores

<sup>6</sup> Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/estetica-negra-opressao-e-resistencia/> Acesso em: 17 de junho de 2020.

As sub-temáticas mais comentadas e compartilhadas do período analisado são as seguintes: estética negra, cabelo e solidão da mulher negra em relacionamentos afetivos. A mobilização de tais termos pode relevar tanto o aumento de um individualismo e fragmentação do ativismo negro contemporâneo quanto apontar para o uso que as mulheres negras têm feito das tecnologias informacionais de comunicação para produzir e difundir conhecimentos sobre si que rompem com a desvalorização estética negra e os estereótipos negativos que limitam seu potencial político, social e econômico.

### **Território de afetos e disputas: o Afrodengo**

Uma alternativa disponível para as pessoas negras que querem fugir das dinâmicas típicas de rejeição e objetificação sexual ou que baseiam suas escolhas na política de “amor afrocentrado”<sup>7</sup> é recorrer a aplicativos e redes sociais voltados exclusivamente para o público negro, tais como AfriDate, Sanka, Pretinder & Afrocentrados e o Afrodengo.

Criado em 2016, o Afrodengo é um grupo privado no Facebook. Em junho de 2020, contava com a participação de mais de 53 mil membros. A entrada está sujeita à aprovação, como forma de garantir a presença exclusiva de pessoas autodeclaradas negras e maiores de 18 anos. Quando aceito/a, o/a participante tem acesso à seguinte descrição:

Quem não gosta de um dengo? Palavra que vem da língua Kikongo, de origem africana (norte da Angola) que significa “carinho”, “agrado”. Tão presente no linguajar da população negra e no vocabulário brasileiro, expressa nossa forma de amar, dar colo, fazer um cafuné, um abraço, dar amor.

---

<sup>7</sup> A proposta de “amor afrocentrado” preconiza o envolvimento afetivo-sexual exclusivamente entre negros/as (BORGES, 2014).

O Afrodengo é um grupo de paquera virtual criado para pessoas negras e tem como proposta ser um espaço de interação, flerte, construção de relações saudáveis, saídas casuais com o intuito de fortalecer a afetividade negra (tão abalada no período pós-abolição). Também é um espaço para dialogar sobre a importância do amor para população preta e todas as suas nuances.

Paquerem, se amem, combinem, se beijem, se abracem, deem dengo, transem, pratiquem a sarrada e o negro amor em sua máxima essência, para além do mundo virtual.

Sejam bem-vindes!

Atualmente, a imagem atribuída ao perfil do Afrodengo (que se define com uma *start up*) é o desenho de um cupido negro, e circulam no grupo fotografias oficiais de pares hétero e homoafetivos, e também de arranjos poliamorosos, sempre retratando exclusivamente pessoas negras. Nas discussões, as interações indicam a formação de grupos de Whatsapp, de acordo com a localidade dos/as participantes; multiplicam-se as enquetes e os jogos de paquera e postagens de *selfies* dos/as candidatos/as a encontrar o seu próprio “dengo”; há uma galeria de seminudes, com postagens e *hashtags* específicas para fotos do tipo; casais negros orgulhosos postam suas próprias fotos, contam sua história, e alimentam assim as esperanças de quem busca um par.

Grupos como o esse engajam-se em um tipo de ativismo negro ao promover um contraponto à construção simbólica da branquitude como superioridade de status no âmbito estético-afetivo. No Afrodengo, em particular, encontramos um universo de representações mais ampla do que outros espaços de militância negra (PEREIRA, B., 2019) – inclusive no Blogueiras Negras –, na medida em que não se atribui centralidade ao casal heterossexual enquanto símbolo de resistência negra. Não notamos, por exemplo, comentários ofensivos a posts de pessoas homo ou bissexuais ou não binárias;

posts dessa natureza são vetados e, se postados, são rapidamente apagados pelos/as moderadores/as. A utilização da linguagem inclusiva de gênero é outro traço da queerização do espaço.

A proposta afirmativa do grupo emerge na grande maioria dos posts e interações, em que se elogiam os tons de pele mais escuros e os cabelos crespos, e nos quais abundam os tratamentos carinhosos pelo termo “preto/a” – “Que preto/a lindo/a!”; “Olha eu com o meu/minha preto/a”. Assim, o Afrodengo apresenta uma abordagem francamente progressista da estética negra e afirmativa da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero.

Mas, como não poderia deixar de ser, nem tudo são flores nesse pequeno “mundo dos/as negros/as”<sup>8</sup>. Entre flertes, nudes e declarações de amor, afloram as famigeradas “tretas”, que desvelam algumas outras maneiras como gênero se articula a raça e é mobilizado nos debates sobre afetividade e em espaços de ativismo negro. As reclamações talvez mais frequentes, da parte de homens e de mulheres, dizem respeito à preferência dos/as participantes por pessoas que estejam mais próximas dos padrões de beleza, com o favoritismo, por exemplo, dos/as magros/as e jovens. Também não são poucas as queixas de mulheres quanto ao machismo de alguns dos integrantes do Afrodengo ou dos homens negros em geral. Sobretudo, elas reclamam do que chamam de “embustes” – homens que enganam mulheres – com quem se envolveram, e também denunciam posts ou mensagens machistas de membros do grupo. Acompanhamos algumas das “tretas”. Embora não sejam tão frequentes quanto se poderia esperar para um grupo tão grande – talvez, novamente, devido à ação dos/as moderadores/as –, elas se desenvolvem de maneira semelhante.

---

<sup>8</sup> A expressão faz alusão ao título do livro *O negro no mundo dos brancos*, de Florestan Fernandes (1972).



As objeções femininas a comentários masculinos taxados como machistas desdobram-se em intermináveis discussões sobre o enquadramento adequado do caso: em sua maioria, as mulheres afirmam que houve machismo, ao que os homens que se pronunciavam se opõem. Em um caso concreto, algumas participantes reclamaram de uma cantada de um participante que elas consideraram machista, e partiram para ações que englobavam desde uma postura progressista que se valia do “escracho”, para “expor machistas” – denunciando homens acintosamente em público – até outras mais conservadoras e que reforçavam padrões sociais, rotulando o autor dos comentários de “feio” e “velho”.

Alguns dos integrantes do grupo defendiam o algoz e alvo das críticas com afínco. Eles alegavam que o comentário tinha sido somente uma brincadeira e que as mulheres negras deveriam ser mais pacientes e respeitosas com os homens negros. Os mais exaltados repetiam que, se o comentário tivesse sido feito por um “branco padrão”, “branco tilelê” – ou seja, de visual ou integrante de grupos “descolados”, “alternativos” – ou “negro padrão NBA”, elas não estariam reclamando, mas “lambendo a tela” – um outro disse que elas estariam “de quatro lambendo o chão”.

Daí por diante, a discussão acirrou-se. Algumas mulheres, indignadas, chamavam os autores dos comentários de “machos escrotos”, ao que eles respondiam dizendo que elas estavam “iludidas por ideologias brankkkas<sup>9</sup>”, ou, mais explicitamente, pelo “feminismo pintado de branco”, que “propõe a opressão dos homens”. Para os mais radicais, a postura das mulheres negras teria por consequência a desunião do “povo preto”. O tom geral era: “depois

---

<sup>9</sup> O uso do “kkk” em palavras como “brankkko/a” por ativistas do movimento negro advém da influência de textos como os da autora Assata Shakur (2005), que faz uso do termo “Amerikkka”, por exemplo, em referência à Klu Klux Klan, utilizando a menção como metáfora para indicar o racismo estrutural e a supremacia branca que conformam a sociedade estadunidense – e por aqui apropriadas para fazer referência a um quadro semelhante na sociedade brasileira.

vocês reclamam da solidão da mulher negra, mas é por isso que nos relacionamos com mulheres brancas”.

Acompanhando os desentendimentos, notamos que os históricos padrões de preferência por se relacionar com brancos/as é uma ferida aberta no interior da comunidade negra, e que perpassam as lógicas e dinâmicas das interações entre pessoas negras, tanto na dimensão interpessoal quanto nos debates coletivos. Na discussão observada, os ressentimentos se manifestam opondo homens e mulheres. Se a centralidade do par negro heterossexual não se dá aqui pela sua promoção como símbolo da resistência negra ao racismo, ela se estabelece pelo protagonismo adquirido pelo par nas discussões sobre o comportamento adequado deles e delas e de uns/mas em relação aos/às outros/as.

Assim como as mulheres negras acusam os homens brancos de tratarem as mulheres brancas bem, enquanto as tratam “como lixo” (BURDICK, 1998), os homens negros as acusam de tolerar em maior medida as posturas machistas dos homens brancos (MOUTINHO, 2004). De um lado e de outro recorre-se aos padrões considerados adequados para se formar um par: algumas mulheres deslegitimam a fala de homens porque não os consideram dentro da idade ou estética adequada para tanto; já no discurso dos homens, elas tolerariam machismo de homens brancos ou de homens negros considerados esteticamente superiores. É notável que, nesse ponto, eles não questionem a existência do machismo, apenas a tolerância das mulheres a ele.

Quando o linguajar e o ideário acionados por elas são aqueles associados à luta pela igualdade de gênero, mesmo quando não nomeados diretamente como “feminismo”, os homens do grupo acionam a imagem de “povo” para conclamar uma unidade que é tomada como dada, e que as mulheres estariam pondo em risco ao convocar aquilo que eles classificam como um discurso exógeno, de substrato opressor e, portanto, ameaçador para a coletividade. Os

homens negros, por sua vez, mobilizam a sua vantagem relativa em conseguir parceiras brancas como uma “carta na manga”, ou seja, como um trunfo – ou elemento de chantagem – para tentar impor às mulheres negras aceitem padrões de interação e relacionamento que elas consideram machistas.

A análise da discussão nos permite observar que não apenas o Afrodengo se identifica com a agenda de desmantelamento da superioridade estética branca e da preferência pelo par branco, alinhando-se assim com o ideário do movimento negro, mas também que os debates sobre afetividades incorporam argumentos relativos à militância. Seus/Suas muitos/as integrantes adentram o grupo a partir de alguma afinidade com o discurso ativista (ou fragmentos dele) ou então passam a ter contato com certas versões desse tipo de elaboração que circulam continuamente em tal espaço. Um grupo virtual para encontros erótico-amorosos, nesse sentido, aproxima do movimento negro atores que talvez jamais se identificassem com o programa político ou modos de ação da militância tradicional, mas que o fazem a partir de um interesse pontual, de cunho estético-subjetivo e em um espaço e formato em que o nível de engajamento depende exclusivamente do indivíduo. Afinal, não há exigência de adesão e participação absoluta ou mesmo consistente.

Ao mesmo tempo, o debate acalorado revela que as redes sociais são utilizadas como espaço de “prestação de contas”. No caso em questão, as mulheres negras reivindicam a revisão dos papéis tradicionais de gênero e da submissão feminina. Por outra, os homens negros demandam, acima de tudo, a lealdade ao grupo negro. Simultaneamente, o espaço virtual faculta um envolvimento efêmero e frágil com as pautas do movimento negro, facilita mobilizações coletivas (na medida em que permite uma disseminação de seu discurso e fragmentos dele) e serve como lugar de teste fidelidade de afiliação – quaisquer que sejam os critérios empregados para tanto.

---

## **Estética e afetividade no ativismo negro nas redes**

Nossas análises reafirmam a tendência de incorporação da pauta estético-afetiva no ativismo negro pela atuação sobretudo das mulheres negras, ainda que elas não sejam as únicas a se engajar com o tema. São elas as responsáveis por alçar questões consideradas íntimas e privadas – e, portanto, despolitizadas – ao status de injustiças e – talvez, principalmente – sofrimentos, que são configurados pela interseccionalidade de gênero e raça. Nesse sentido, as mulheres negras investem em ativar o potencial mais radical de um dos principais lema dos movimentos feministas, “o pessoal é político”, considerado para além da divisão sexual do trabalho e da violência doméstica – temas a que foi inicialmente relacionado. Em sua atuação, o bordão alcança a configuração dos sentimentos, da sexualidade e do desejo, bem como a forma como eles são consciente e inconscientemente vividos. Não apenas a esfera privada é interpelada como atravessada por questões de interesse público, mas também um aspecto mais íntimo é entendido como passível de politização – e, portanto, propenso ao ativismo –: a subjetividade.

As demandas políticas relacionadas à dimensão simbólico-subjetiva reivindicam implicitamente um certo entendimento quanto à natureza da relação entre indivíduo e sociedade. Tal leitura alinha-se à abordagem teórica que estabelece que discursos e categorias culturais, instituições e valores sociais são interiorizados pelos indivíduos e afetam o desenvolvimento da subjetividade, sendo esta produzida gradual e continuamente num ambiente particular de interação e em referência a um corpo dado, atravessado de – e constituído por – significados coletivamente elaborados e continuamente rearticulados. Esse não é um processo unilinear ou estático, no sentido de que os sujeitos dispõem de algum grau de agência no processo de subjetivação, e que tanto se identificam como resistem – ainda que nunca escapem totalmente

– às posições estabelecidas por formulações discursivas hegemônicas, suas práticas e seus efeitos (FANON, 2008; MOORE, 2008). Por sua vez, as relações afetivo-sexuais são tomadas como “produto de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos – formas culturais intersubjetivas que moldam e estruturam a experiência subjetiva da vida sexual [e amorosa] em diferentes ambientes sociais” (PARKER, 1991, p. 13).

Nesse sentido, o ativismo negro recente, desenvolvido principalmente na Internet, busca dismantelar formulações simbólicas hegemônicas que, por meio seus impactos na subjetividade, contribuem para a reprodução do racismo (e do machismo).

O foco na subjetividade tem um grande apelo ao público negro não engajado com as pautas do movimento negro institucionalizado, contribuindo para a sua massificação. A circulação via Internet, em redes sociais que se valem de textos curtos e setorizados por tema, garante que o contato com discursos produzidos pelo movimento negro seja parcial e também apropriado de forma fragmentada, a partir da identificação com experiências vividas. Não é necessário conhecer o debate sobre as altas taxas de assassinato dos jovens negros, declamar os dados sobre a inserção precária da população negra no mercado de trabalho ou os argumentos a favor das ações afirmativas para negros/as no ensino superior, por exemplo, para se reconhecer nos relatos sobre ofensas em relação ao cabelo crespo ou recorrentes rejeições afetivas no decorrer da própria trajetória pessoal. Os aspectos estruturais das desigualdades raciais e do racismo são, nesse âmbito, menos visíveis e os individuais, mais proeminentes, o que permite uma pronta identificação e engajamento.

Esse engajamento inicial possa servir como porta de entrada para debates de caráter mais evidentemente coletivos ou estruturais; contudo, não há garantia de que isso aconteça. Ao mesmo tempo, a politização da estética e,

sobretudo, da afetividade são pautas com maior dificuldade de institucionalização do que, digamos, as desigualdades raciais no mercado de trabalho. Logo, o engajamento e o tipo de ativismo que promovem são modulares e efêmeros, tendo em vista a pulverização da pauta do movimento negro, e têm caráter essencialmente individual.

Notamos também a permanência da centralidade casal heterossexual negro nas discussões sobre afetividades – embora ela venha sendo, lentamente, questionada.

### **Referências**

ABERS, Rebecca; SERAFIM, Lizandra; TATAGIBA, Luciana. Repertórios de interação estado-sociedade em um estado heterogêneo: a experiência na Era Lula. *Dados.*, v. 57, n. 2, pp.325-357, 2014.

ANDREWS, George. R. *América Afro-Latina: 1800-2000*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

BARROS, Zelinda S. *Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça*. 2003. 199 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2003.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. *The Logic of Connective Action: Digital Media and the Personalization*. New York: Cambridge University Press, 2013.

BENTO, Maria Aparecida S. *Branqueamento e branquitude no Brasil*. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. pp. 25-57.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal*. *Sociedade e Estado*, v. 33, n. 1, p. 117-135, 2018.



BICUDO, Virgínia L. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. São Paulo: Editora Sociologia e Política, [1945] 2010.

BORGES, Rosane. Amor (afro)centrado: é possível falar nesses termos? Blogueiras Negras, 2014. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/06/10/amor-afrocentrado/>. Acesso em: 14 de janeiro de 2017.

BRAGA, Adriana A.; CARAUTA, Alexandre A. F. Futebol, gênero e homosociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 43, n. 1, p. 165-190, jan. 2020.

BURDICK, John. Blessed Anastacia: Women, Race and Christianity in Brazil. London: Routledge, 1998.

CALDWELL, Kia L. Negras in Brazil: Re-Envisioning Black Women, Citizenship, and the Politics of Identity. New Brunswick; New Jersey; London: Rutgers University Press, 2007.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, pp. 544-552, jan. 1995.

CARTY, Victoria. Social Movements and New Technology. New York: Routledge, 2015.

DÁVILA, Jerry. Diploma de brancura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

Fernandes, Florestan. O negro no mundo dos brancos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

FLAUZINA, Ana Luiza P. Utopias de nós desenhadas a sós. Brasília-DF: Brado Negro, 2015.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

GOMES, Wilson. “Nós somos a rede social!” - O protesto político entre as ruas e as redes. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino *et. al.* Democracia digital: publicidade, instituições e confronto político. BH: Editora UFMG, 2016, pp.367-390.

GONZALEZ, Lélia. A esperança branca. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 março 1982, p. 5.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, pp. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. Revista Tempo Brasileiro, n. 92/93, p. 69-82, jan.-jun. 1988.

GORDON, Doreen. A Beleza Abre Portas: Beauty and the Racialised Body among Black Middle-Class Women in Salvador. Feminist Theory, v. 14, n. 2, pp. 203-218, 2013.

HINE, Christine. Virtual Ethnography. London: Sage, 2000.

HINE, Christine. Por uma etnografia para a Internet: transformações e novos desafios. MATRIZES, v. 9, pp. 167-173, jul.-dez. 2015.

HINE, Christine.; CAMPANELLA, B. Por uma etnografia para a internet: transformações e novos desafios. MATRIZES, v. 9, n. 2, pp. 167-173, 2015.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. The Color of Love: Racial Features, Stigma and Socialization in Black Brazilian Families. Austin: University of Texas Press, 2015.

JARRÍN, Alvaro. The Biopolitics of Beauty: Cosmetic Citizenship and Affective Capital in Brazil. Oakland, CA: University of California Press, 2017.

LOTTA, Gabriela. Burocracia, redes sociais e interação: uma análise da implementação de políticas públicas. Revista de Sociologia e Política, v. 26, n. 66, pp. 145-173, jun. 2018.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2010.

MOORE, Henrietta L. The Subject of Anthropology: Gender, Symbolism and Psychoanalysis. Cambridge, UK; Malden, MA, USA: Polity Press, 2008.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MOUTINHO, Laura. Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. São Paulo: UNESP, 2004.

MOUTINHO, Laura; ALVES, Valéria; MATEUZI, Milena. “Quanto mais você me nega, mais eu me reafirmo”. TOMO, n. 28, jan.-jun. 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra e o amor. Jornal Maioria Falante, mar. 1990, p. 3.

ORTIZ, Júnia *et al.* Television experience and political discussion on Twitter: exploring online conversations during the 2014 Brazilian presidential elections. Galáxia (São Paulo), n. 36, p. 45-58, set. -dez. 2017.

OSUJI, Chyniere. An African/Nigerian-American Studying Black-White Couples in Los Angeles and Rio de Janeiro. In: MITCHELL-WALTHOUR, Gladys L.; HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. Race and the Politics of Knowledge Production: Diaspora and Black Transnational Scholarship in the United States and Brazil. New York: Palgrave, 2016. pp. 123-138.

PACHECO, Ana Cláudia. Mulher negra: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013.

PARKER, Robert G. Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Editora Best Seller, 1991.

PASCHEL, Tianna S. Becoming Black Political Subjects: Movements and Ethno-Racial Rights in Colombia and Brazil. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2016.

PEIXOTO, Luiz Felipe de lima; SEBADELHE, Zé Octavio. 1976: Movimento Black Rio. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

PELUCIO, Larissa. Unfaithful narratives: methodological and affective notes about experiences of masculinity in a dating website for married people. Cadernos Pagu, n. 44, pp. 31-60, 2015.

PEREIRA, Ana Claudia J. Intelectuais negras brasileiras: horizontes políticos. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Batekoo: território de afetos. Arquivos do CMD, v. 8, n. 2, jul./dez. 2019.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. Dengos e zangas das mulheres-moringa: Vivências afetivo-sexuais de mulheres negras. Pittsburgh, Estados Unidos: Latin America Research Commons, 2020.

PEREIRA, Bruna Cristina J. “Entre luzes e som, só encontro, meu corpo, a ti”: corpo e vivências afetivo-sexuais de mulheres negras a partir da obra de Beatriz Nascimento. In: [MACHADO, Carlos et al.](#) Democracia e desigualdade: registros críticos. Porto Alegre: 2017. pp. 17-42.

PINHO, Osmundo A. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. Cadernos Pagu, n. 38, pp. 159-195, 2012.

PINHO, Patrícia S. White but Not Quite: Tones and Overtones of Whiteness in Brazil. Small Axe, v. 13, n. 2, pp. 39-56, jul. 2009.

RODRIGUES, Cristiano. Afro-latinos em movimento: protesto negro e ativismo institucional no Brasil e na Colômbia. Curitiba: Appris, 2020.

SARMENTO, Rayza; VIANA, Lara. A PESQUISA BRASILEIRA SOBRE ATIVISMO POLÍTICO ONLINE: mapeamento de publicações em periódicos das áreas de Ciência Política e Comunicação (2000 a 2017). Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política, 2019.



---

SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SHAKUR, Assata. A Message to my Sistas. 11 mar. 2005. Disponível em: <http://www.hartford-hwp.com/archives/45a/669.html>. Acesso em 13 de junho de 2020.

TIRIBA, Thiago H. Sugar relationships: sexo, afeto e consumo na África do Sul e no Brasil. Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 3, 2019.

YOUNG, Robert C. G. Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça. São Paulo: Perspectiva, 2005.